RODRIGO PORTELLA

ELECTRA BLUES

O TEXTO

PRÓLOGO: *NA ILHA DOS MARES DO SUL*
CENA 01: *A MÃE*
CENA 02: *O QUE ODEIO EM TI SOU EU PRÓPRIA*
CENA 03: *A PROSTITUTA QUE MORREU VIRGEM*
CENA 04: *AS MÃOS*
CENA 05: *O CORPO MANCHADO DE TINTA*
CENA 06: *O VELÓRIO*
CENA 07: *O CORO DAS BEATAS*
CENA 08: *ANJOS MOLHADOS*
CENA 09: *CLITEMNESTRA*
CENA 10: *CEGOS*
CENA 11: *NO SÓTÃO*
CENA 12: *A TENDA*
CENA 13: *O ELIXIR DA MORTE*
CENA 14: *OS VIZINHOS*
CENA 15: *MATRICÍDIO*
CENA 16: *O GOZO*
CENA 17: *NUDEZ*
CENA 18: *DESEJO E INCESTO*
EPÍLOGO: *O PAI*

PRELÚDIO
NA ILHA DOS MARES DO SUL

Todos os personagens estão mortos e em cena. O público ainda não os vê. Electra está sentada num balanço. Ela ascende uma lanterna. Ela ilumina a platéia.

ELECTRA *(Chamando pelo pai)*
Pai... Pai... Meu pai... Onde está você, meu pai? Eu preciso de ti! Não há quase luz! Pra que lado fica o mar? Pai... Onde está você, meu pai? Pai... Pai...

CENA 1
A MÃE

Ela se levanta e caminha. Ilumina os elementos da cena. Vasculha o ambiente. De repente ela se depara com a mãe.

ELECTRA *(assustada)*
Mãe?!

EDUARDA *(nada surpresa)*
Electra?!

ELECTRA *(perdida)*
Santo Deus! Um cadáver. Devo ter adormecido?

EDUARDA *(mórbida)*
Está acordada, Electra. Todos nós estamos. Enganam-se os que pensam que nossa família, agora, dorme eternamente. Estamos acordados... e para sempre.

ELECTRA *(afastando-se)*
O que fazes aqui depois de morta?

EDUARDA *(irônica)*
Eu é que pergunto o que fazes aqui?

ELECTRA
Que lugar é esse?

EDUARDA *(com certa tristeza)*
Esta é a Ilha dos Mares do Sul. Ficaremos aqui até a eternidade. E aqui seremos obrigados a reviver o passado de nossa família. Seremos obrigados a reviver o passado de tempos em tempos. E quando chegarmos ao fim, começará tudo outra vez e depois outra e outra. Viveremos somente o passado. Podes imaginar castigo pior?

ELECTRA *(inconformada)*
Por que?

EDUARDA *(fria)*
É simples... Nós só existimos no passado. *(Eduarda se aproxima de Electra)*

ELECTRA *(afastando-se precipitadamente)*
Fique longe de mim, minha mãe... Vou procurar pelo meu pai. Ele há de me proteger.

EDUARDA *(rápida)*
Espere, Electra, ele aparecerá na hora certa...

Ascende-se as luzes. Há, o que Nelson Rodrigues chama de vizinhos espectrais, pendurados por todos os lados. Eles usam máscaras horrendas e estão sempre por perto.

ESPECTRO *(em tom de anunciação)*
É chegada a hora do jogo...

ESPECTRO *(apresentando)*
De um lado Electra...

ESPECTRO
Uma mulher sagaz que tudo faz pelo amor de seu pai.

ESPECTRO
Do outro Eduarda...

ESPECTRO
Mãe de Electra...

ESPECTRO
Mulher do Sr. Antônio.

ESPECTRO
Pai de Electra...

ESPECTRO *(irônico)*
Para completar esta harmoniosa família...

ESPECTRO *(com ar infantil)*
Temos Clarinha...

ESPECTRO
Irmã de Electra...

ESPECTRO *(novamente irônico)*
A pureza em forma humana.

ESPECTRO *(novamente apresentando)*
Adam!

ESPECTRO
O noivo de Electra...

ESPECTRO
E Clotilde!

ESPECTRO
A avó de Electra...

ESPECTRO (*compreensivo*)
Sabemos que não é fácil entenderem desta maneira o que se passa no interior desta apaixonada família.

ESPECTRO (*paciente e risonho*)
Iremos revelar dose por dose as facetas desta trágica história...

ESPECTRO (*com um falso tom de suspense*)
Permeada por incestos e adultérios.

ESPECTRO
Crueldades e assassinatos.

ESPECTRO
Vingança e desespero.

ESPECTRO
Loucura e erotismo.

ESPECTRO
Morte e solidão.

ESPECTRO (*num estremecimento*)
Mas de qualquer maneira é preciso estar atento...

ESPECTRO
Muito atento!

ESPECTRO (*com um ar trágico*)
Esta é a história onde tudo pode acontecer.

ESPECTRO (tom suspenso)
E quando você menos esperar...

ESPECTRO
O jogo pode virar...

ESPECTRO
Agora rezem...

ESPECTRO
Rezem para que as correntes não se rompa durante esta ceia...

ESPECTRO (*debochado*)
E se romper?

ESPECTRO
Voará sangue para todos os lados!

ESPECTRO
Muito bem!

ESPECTRO
Está dada a largada.

ESPECTRO
O jogo já começou.

ESPECTRO
Agora, a mesa está posta.

ESPECTRO *(com tom de deboche)*
A comida frugal e escassa é dada com paixão...

ESPECTRO *(sedutor e convidativo)*
Vem agora meus amigos.

ESPECTRO *(respeitoso)*
Seremos seus anfitriões esta noite.

ESPECTRO
E vós...

ESPECTRO *(num tom maquiavélico)*
Nossos hóspedes bem vindos.

CENA 2
O QUE ODEIO EM TI É EU MESMA

ELECTRA *(com repugnância)*
Tire suas mãos de mim...

EDUARDA *(piedosa)*
Não fale assim com sua mãe...

ELECTRA *(com pouco caso)*
És uma estrangeira. Não faz parte da família...

EDUARDA *(sentida porém contida)*
És uma louca varrida. Não me comovo com o dizes sobre tua família. Tenho asco a essa família. A essa casa...

ELECTRA *(autoritária)*
Não fale assim da casa de papai...

EDUARDA *(ressentida)*
Falo, falo porque nesta casa, cada um grita os seus pecados em frente aos outros. Nosso lar está amaldiçoada e nossa família também.

ELECTRA *(esfregando as mãos)*
Desde que você casou-se com papai...

EDUARDA *(esfregando também as mãos)*
Cala-te. Qualquer um me pode escarrar na cara e chamar-me de prostituta ou criminosa. Mas ninguém tem o direito de julgar os meus remorsos.

ELECTRA *(audaciosa)*
Então sente remorso por ter casado com papai? Então... sempre o odiou, não é verdade ? Heim, me responda?

EDUARDA *(com saudades no olhar)*
Não! Amei-o, a princípio, antes de casarmos. Ele era elegante, silencioso, misterioso, romântico! Mas com o casamento, cedo transformou o seu romantismo em enjôo!

ELECTRA *(irritada)*
Então, eu sou o fruto do seu enjôo?!

EDUARDA
Fiz o possível para amar você. Disse a mim mesma que não era humano não amar a minha própria filha, nascida do meu ventre. Mas nunca pude esquecer que você viera também do corpo dele. Você me recordava sempre da minha noite de núpcias.

ELECTRA *(no auge de sua irritação)*
Eu te odeio! Como pôde?

EDUARDA *(quase sem respirar)*
Não me recrimine, Electra. És igual a mim. Eu a conheço. Eu a observo desde pequena e sempre a vi tentando afastar todos de seu pai. Você tem tentado ser a esposa de seu pai! Você sempre conspirou para tomar o meu lugar! Mas não vai conseguir, mesmo sendo mais jovem que eu.

ELECTRA *(provocadora)*
Vejo que é a tua juventude que lastimas, mais ainda que o seu ciúme. É a minha juventude que odeias, mais ainda que a minha sagacidade.

EDUARDA *(trêmula)*
O que eu odeio em ti, Electra, é eu própria. Não é a tua juventude, não. É a minha! Mas sempre nos calamos durante 19 anos e só os nossos olhares nos atraiçoavam. Se eu pudesse encheria a casa de pessoas, de estranhos... Mesmo que fossem inimigos meus... contanto que eu não ficasse sozinha com você... Estar com você, Electra, é pior forma de estar sozinha...

ELECTRA *(implacável)*
Não penses que vou deixar-me comover por seu discurso, não... Ficas aí esfregando estas mãos, sem parar... Estas mãos... *(Eduarda olha para suas mãos com espanto e Electra faz exatamente o mesmo movimento. E por um momento as duas esquecem de tudo para examinar as próprias mãos.)*
Por que não paras com essas mãos? Por que não lhes dá sossego?

EDUARDA
Eu não mando nas minhas mãos! Eu não quero e elas fazem assim!

CENA 3
A PROSTITUTA QUE MORREU VIRGEM

ESPECTRO *(alarmante)*
Dona Eduarda! Dona Eduarda! Encontraram a sua filha Clarinha...

ESPECTRO *(excitado)*
Morta!

ESPECTRO *(doloroso)*
Afogada!

EDUARDA *(desnorteada)*
Como afogada?

ESPECTRO *(frio)*
Estava olhando o mar e se jogou...

EDUARDA *(abalada)*
Ah, eu sempre soube...

ESPECTRO *(tentando confortá-la)*
De que Dona Eduarda?

EDUARDA *(piedosa)*
Alguma coisa me dizia que Clarinha morreria cedo... Foi sempre assim, fraquinha...

ESPECTRO
Sempre!

EDUARDA
Os pulsos finos e transparentes. Com 15 anos quase não tinha cadeiras, uns quadris de menina e os seios só agora estavam aparecendo...

ESPECTRO *(com deboche)*
Sua filha era boa demais para este mundo.

ESPECTRO *(irônico)*
Educadíssima...

ESPECTRO *(com certa doçura e malícia)*
Tinha um arzinho meigo e os lábios quase brancos...

EDUARDA
Era virgem! Vejam vocês... Minha Clarinha morreu virgem... Pobre, Clarinha, nunca soube o que é o amor... Parecia ter febre nos olhos e nos cabelos... E um pudor!...

ESPECTRO *(ainda em tom de deboche)*
Imagino!

AVÓ *(explicativa e autoritária)*
Mas não é só Clarinha... Pudor tem todas as mulheres da nossa família...

EDUARDA

Os vizinhos não precisam saber.

AVÓ (*severa)*
Precisam sim! Na nossa família, as mulheres se envergonham do próprio parto, acham o parto uma coisa imoral...

ESPECTRO *(concordando)*
Imoralíssima!...

ELECTRA (*numa tentativa de trocar de assunto, como se este o incomodasse))*
Falávamos de Clarinha...

EDUARDA
Eu só não esperava que ela morresse assim, desta maneira... Pensei que ela morreria de uma doença, anemia ou que uma febre a levasse e não um suicídio...

ESPECTRO (*num ímpeto)*
Não foi suicídio!

ESPECTRO (*violento)*
Cale-se! É claro que foi.

ESPECTRO (*decisivo)*
Não foi.

ESPECTRO
Foi sim...

ESPECTRO *(cochichando)*
A menina se matou!

ESPECTRO
Dou-lhe a minha palavra.

ESPECTRO
Eu mesmo vi.

AVÓ (*Apontando para público)*
Minha neta Clarinha não se matou... Foi o mar. Aquele ali... Sempre ele...

ESPECTRO
O mar!

AVÓ (*como num devaneio)*
Não gosta de nós. Quer levar toda a família, principalmente as mulheres. Um mar que não devolve seus afogados e onde os mortos não boiam! Foi o mar que chamou Clarinha, o mar... Tirem esse mar daí! Depressa... Tirem antes que seja tarde! Antes que ele acabe com todas as mulheres da família! Ele levará todos nós! E depois de não existir mais a família, será a casa! E então o mar virá aqui, levará a casa, os retratos, os espelhos...

EDUARDA (*paciente)*
Vamos, dona Clotilde...

AVÓ *(agressiva)*
Me larga! Não gosto de mulheres! Eu, quando era moça e bonita como és agora, eu tinha vergonha de tudo que era mulher em mim. E tu? Tens vergonha de teu próprio corpo, tens? Ou despes teu busto diante do espelho para enamorá-lo? Responde!

EDUARDA
Electra, faz calar a tua avó... Ela só atende a ti.

ELECTRA
E faz muito bem. Afinal, somente eu lhe dou de comer e beber, não é mesmo? E por falar nisso, avó. Creio que mereces uma bisnaga inteira, hoje.

EDUARDA
Doida!

ELECTRA
E quem sabe dois copos d'água?

AVÓ *(faminta)*
Oh, minha neta. Acho que já estou com fome...

ESPECTRO *(curioso)*
E o pai?

ESPECTRO
Onde estará o pai?

ESPECTRO
Nós visinhos, queremos dar os pêsames ao pai.

EDUARDA
Não sei onde Antônio está. Mas vai ter um choque terrível.

ESPECTRO *(excitadíssimo)*
Maravilha! Adoro ver homens chorando. Acho bonito.

AVÓ *(puxando-a pelo vestido)*
Estou com fome, minha neta...

ELECTRA *(séria)*
Meu pai não chora. Nossa família chora pouquíssimo.

ESPECTRO
Electra... Vem vindo aí o seu noivo...

ELECTRA
Adam...

ESPECTRO *(ansioso)*
E traz o corpo de Clarinha nos braços.

AVÓ
Fome...

ESPECTRO
Estamos de saida...

ESPECTROS *(com um falso medo)*
Queremos estar longe daqui...

ESPECTROS
Pois a noite será de tormenta...

ESPECTROS *(sussurrando)*
Ficaremos espiando...

ESPECTROS
De longe...

ELECTRA
Saia avó!

EDUARDA
Irei ver minha filha!

Neste momento saem Eduarda, Clotilde e os vizinhos.

CENA 4
AS MÃOS

ADAM *(apressado)*
Boa Noite... Espero que não me leve a mal ter entrado assim tão sem-cerimônia. Sua mãe me disse que...

ELECTRA *(interrompendo-o vai em sua direção)*
Adam... Encontraste o corpo de Clarinha?

ADAM *(com pesar)*
Sim, nas pedras...

ELECTRA *(com um tom sombrio na voz)*
Nas pedras? Está machucada?

ADAM
Bastante. Mas não há quase sangue. Foi lavada pelo mar. Mas há ferimentos por todo o corpo desde a coxa até a cabeça...

ELECTRA
Onde está ela?

ADAM
Na sala de jantar...

ELECTRA *(com um ar misterioso)*

Pobre Clarinha...

ADAM
Suicidou-se?

ELECTRA
Acredito que não.

ADAM
Foi empurrada?

ELECTRA *(enraivecida)*
Clarinha não foi empurrada e nem suicidou-se, meu noivo. Ela apenas caiu. *(apática)* Estava olhando o mar e caiu. O mar a chamou. *(como se acordasse)* Bem deixemos um pouco de lado este assunto.

ADAM
Como quiser...

ELECTRA
Me beija... *(Adam pega suas mãos e a beija com um pouco de exagero)* Basta!

ADAM
Perdoe-me, Electra, se exagerei...
ELECTRA *(vira-se de costas)*
Às vezes me parece que não me amas...

ADAM *(frio)*
Claro que amo...

ELECTRA
Diz que me ama, mas não se comporta como tal. Peço-lhe um beijo e você me beija as mãos. ... Quase não olha para o meu rosto... Como se fosse noivo apenas de minhas mãos... Não me beijou nunca na boca... Sempre nas mãos... *(Ele segura teu rosto e a beija. Eles se excitam e Adam chama Electra pelo nome de sua mãe)*

ADAM
Eduarda!

ELECTRA
Eu não sou Eduarda, sou Electra.

ADAM
Perdoa-me, Electra...

ELECTRA *(Despedindo-se)*
Já chega! É melhor que se vá... Já trouxe o corpo de Clarinha, agora vá!
ADAM
Electra, por que te vestes sempre assim? Quase de luto...

ELECTRA
É um voto que fiz...

ADAM *(delicado)*
Electra, se eu te pedisse, te vestirias de branco?

ELECTRA *(com um brilho nos olhos)*

Não! Um dia eu me vestirei de branco. Será este o dia mais feliz de minha vida, mas ainda está longe.

ADAM
Que dia será este?

ELECTRA *(mau humorada)*
Não direi a ti. Não diria a ninguém.

ADAM
Quando nos veremos de novo?
Antônio entra pela sala e vai abraçar Electra...

ELECTRA *(como num impeto de felicidade)*
Pai! Que bom que chegaste, meu pai. Estava ansiosa por sua chegada. Já soube sobre Clarinha?

ADAM *(saindo)*
Estou de saída...

CENA 5
O CORPO MANCHADO DE TINTA

ANTÔNIO *(cortante)*
Não gosto desse seu noivo...

ELECTRA *(contemplando o rosto do pai)*
Por que?

ANTÔNIO
Não serve pra você. Ah, Electra, és uma jovem bonita, pura. Não serve pra este vagabundo... Gostaria que desmanchasse esse noivado.

ELECTRA
Não entendo, meu pai... Diga-me porque devo desmanchar meu noivado com Adam?

ANTÔNIO *(para os vizinhos)*
Vizinhos... Vocês que conhecem todas as infâmias. Que faz o noivo de minha filha?

ESPECTRO *(incerto)*
Passa o dia com três ou quatro mulheres...

ESPECTRO *(pontuando)*
Da vida...

ESPECTRO
Mulheres da vida...
ESPECTRO *(num tom de fofoca)*
Raparigas...

ESPECTRO *(idem ao anterior)*
Prostitutas do cais...

ANTÔNIO *(imponente)*
Ouviste?

ELECTRA *(sôfrega)*
Continua...

ESPECTRO
Sempre bêbado.

ANTÔNIO
E o corpo? O que ele tem no corpo?

ESPECTRO *(revelador)*
Nomes de prostitutas... No peito, nas costas, em todo corpo, nome de vagabundas que ele conheceu...

ANTÔNIO *(instigante)*
E o que é que ele diz pra todo mundo ouvir?

ESPECTRO
Diz que se um dia casar-se, será somente com uma mulher da vida.

ANTÔNIO
Quer mais?

ELECTRA *(decidida)*
Não! Já chega! Desmancharei meu noivado com ele, meu pai. Por ti, desmancharei o noivado. Farei tudo o que quiseres.

Entra Eduarda...

EDUARDA
Antônio! Que bom que chegaste.

ANTÔNIO *(exausto e asmático)*
Estou fatigado... Essas botinas maltrataram muito meus pés... *(Electra lhe tira as botinas e faz-lhe massagens nos pés)* Era Clarinha quem me fazia isso... Agora és tu.

ELECTRA *(com doçura)*
Agora sou eu. E amanhã, e depois, e sempre.

ANTÔNIO *(saudoso)*
Ainda ontem, ela me descalçou e me acariciou os pés...

ELECTRA *(frágil)*
Eu também sei acariciar, pai...

EDUARDA *(irritada com a filha)*
Tua filha morreu, Antônio.

ELECTRA *(brusca)*
Morreu...

EDUARDA
No mar...

ELECTRA (*provocando a mãe)*
Como foi no trabalho, pai?

ANTÔNIO (*inocente)*
Hoje tivemos um jantar muito bonito e apetitoso. Senhoras decotadas e bem vestidas...

EDUARDA (*insistente)*
Antônio, nós só devemos falar de Clarinha. Ela está morta...

ELECTRA (ainda mais provocadora)
Fala do jantar pai.

EDUARDA (*áspera e cortante)*
É verdade, Antônio, que os peixes comem uma das faces do afogado, não o rosto todo, mas uma das faces?

ANTÔNIO
Precisamos velar o corpo de Clarinha.

EDUARDA
Então vamos para a sala de jantar.

ELECTRA
Velaremos então?

EDUARDA *(irônica)*
Em família...

CENA 6
O VELÓRIO

Neste momento vai ascendendo a luz no fundo onde Clarinha está deitada sobre uma mesa. Está coberta. Quando tiram o pano, percebem que Clarinha está nua.

ANTÔNIO (*num horror)*
Eduarda! Clarinha está nua!

EDUARDA
Quem lhe fez isso?

ELECTRA (*distante)*
Não imagino!

ANTÔNIO *(saindo da sala)*
Não posso continuar aqui. Olhando minha filha despida. É preciso que se conserve em minha memória uma boa imagem de Clarinha.

EDUARDA (*sai puxando o marido)*
Vamos pro quarto. Lá ficaremos mais a vontade...

ELECTRA *(só com Clarinha)*
Está linda minha irmã... Ficou mais bela depois da morte. A morte lhe fica muito bem. A morte fica bem em todos da nossa família. Está tão pura *(Electra beija o corpo de Clarinha)* Segundo os vizinhos, hoje as mulheres do cais não estão recebendo. Quando souberam de sua morte, se reuniram na praia para rezar por sua alma. Elas estão aqui, em frente a nossa casa. Está ouvindo? Essas vozes...Esses gemidos... São suas companheiras que choram e rezam por ti. Acham que foi assassinada. Coitadas!

CENA 7
O CORO DAS BEATAS

No quarto

EDUARDA *(frenética)*
Parem com isso! Pelo amor de Deus, parem com isso!

ANTÔNIO *(tranquilo)*
Não entendo por que estas mulheres fazem isso...

EDUARDA *(instigando-o)*
Quem são estas mulheres?

ANTÔNIO
Não sei! Ignore-as!

EDUARDA *(como se o tentasse)*
Não sabes que mulheres são estas?

ANTÔNIO *(definitivo)*
Não!

ESPECTROS *(em tom de deboche)*
Ele não sabe que mulheres são estas....

ESPECTRO *(com um tom sarcástico)*
Pobre Antônio, não sabe de nada... Nesta família ninguém sabe de nada...

ESPECTRO *(melancólico)*
Eis uma família que não chora seus afogados...

ESPECTRO *(com um ar de inconformado)*
Nem seus doidos...

ESPECTRO
E nem suas prostitutas...

ESPECTRO *(pseudo-assustado)*
Há alguma prostituta na família?

ESPECTRO (*num tom reprovador)*
Está surdo? Ela acabou de falar. Que espécie de vizinho é você?

ESPECTRO (*cochichando)*
Vizinhos devem estar sempre de orelhas em pé.

ESPECTRO (*brincalhão)*
Como um radar...

ESPECTRO
Então, Clarinha era prostituta...

ESPECTRO
Mas não disseram que era virgem?

ESPECTRO
Para sua mãe, ela era virgem, sim. E será sempre uma virgem...

ESPECTRO
As prostitutas do cais gritam lá fora que ela foi assassinada.

ESPECTRO (*gozador)*
Não duvido de nada em se tratando desta família.

ESPECTRO
Querem entrar na casa para levar o assassino.

ESPECTRO
Será o assassino alguém que aqui mora?

ESPECTRO
Não será algum membro da família?

ESPECTRO (*como um eco)*
O assassino!

ESPECTRO *(debochado)*
Sim. A menina vivia com dois grupos sociais: as prostitutas e os parentes. Se não foram as prostitutas foram os parentes.

ESPECTRO (*num tom de suspense)*
Mas quem? Quem terá assassinado a virgem prostituta?

ESPECTRO *(conclusivo)*
Ainda não sabemos... Mas, de certo, descobriremos...

EDUARDA (*firme)*
Vou direto ao assunto, Antônio.

ANTÔNIO
Pois que vá. E seja breve por que também tenho algo bastante sério para lhe falar.

EDUARDA (*num tom acusador)*
Você sabe muito bem e todos nós sabemos quem são estas mulheres que aí estão... Não te faças de ingênuo, homem...

ESPECTRO (*excitadíssimo*)
Nossa! Ela já sabe...

EDUARDA
Pois bem, são beatas...

ESPECTRO (*desapontado*)
Ah, ela não sabe...

EDUARDA
Estas beatas juram que viram alguém empurrando Clarinha no mar.

ANTÔNIO (*veemente*)
O mar a chamou...

EDUARDA (*numa euforia*)
Tolice... O mar não chama ninguém... Só quem nisso acredita é a sua mãe... Nossa filha foi assassinada. E o assassino aqui se encontra.

ANTÔNIO (*com certo medo na voz*)
O quer insinuar?

EDUARDA (*maquiavélica*)
Eu não estou insinuando nada. Estou dizendo que o assassino de nossa filha mora aqui, conosco. Todos nós sabemos sobre suas amantes, mas somente Clarinha as conhecia.

ANTÔNIO (*espantado*)
Não sei do que está falando... Eu nunca me deitei com outra mulher que não fosse você, Eduarda. E você sabe disso.

EDUARDA (*num êxtase*)
Sei que é mentira! Clarinha me contou antes de sua morte. Você teve muitas amantes!

ANTÔNIO (*num grito*)
Prostituta é amante? O que está querendo dizer? Que Clarinha ameaçou contar a você que me deitei com algumas raparigas e que eu fiquei com tanto medo que fizesse isso que a empurrei no mar? Santo Deus, Eduarda!

EDUARDA (*persuasiva*)
Mas Antônio e as beatas?

ANTÔNIO (*mais calmo*)
Eu sei que Clarinha não se suicidou coisa alguma e que foi, sim, alguém de nossa família que a matou. E sei também que sou eu o principal suspeito. Achas mesmo que sou eu o assassino de minha própria filha?

EDUARDA (*num sopro de voz*)
Não sei.

ANTÔNIO (*agressivo*)
Achas que sou o assassino?

EDUARDA (*na sua angústia*)
E te importa o que eu penso?

ANTÔNIO *(não ligando para o que ela fala)*
Sou o assassino?

EDUARDA *(com medo)*
Eu não posso! Eu não posso te responder...

ANTÔNIO *(frívolo)*
E nem precisa... Sei o que pensas... Não quero mais ouvir uma palavra tua. Tens a suspeita e além da suspeita, o desejo de que tenha sido eu o assassino... Para você seria bom que eu fosse o assassino... Cedo ou tarde me descobririam aqui... As beatas me denunciariam. Viriam me buscar; eu seria enforcado e você ficaria livre para casar-se com o seu amante.

EDUARDA *(recuando)*
Antônio, acho que você está indo longe demais... Vou sair!
ANTÔNIO *(violento)*
Não ouse, Eduarda. Eu acabo com você se der um passo pra fora do quarto.

EDUARDA *(afrontosa)*
Então és um assassino!

ANTÔNIO *(num ímpeto)*
E você uma adúltera! Pensa que não sei que tens um amante? Que ele vem aqui quando vou pro cais?.

EDUARDA *(rancorosa)*
Quem te falou esta infâmias?

ANTÔNIO *(impávido)*
As beatas... As mesmas que me disseram haver um assassino dentro desta casa, me disseram também que havia uma adúltera. E como fui ingênuo em não perceber o inimigo dentro da minha própria casa. Segundo elas é um amigo da família. Um freqüentador assíduo de nosso lar. Mas eu não podia nem imaginar... Eu não poderia acreditar que uma mulher que se casou comigo na igreja, de branco, diante dos círios e de Deus, pudesse me trair em meu próprio leito.

EDUARDA *(Chorando)*
Pára! Pelo amor de Deus, pára!

ANTÔNIO *(enfurecido)*
Sua cadela! Vadia!

EDUARDA *(desesperada)*
Chega, Antônio. Eu não agüento mais...

ANTÔNIO
Imunda... Adúltera... Eu tenho nojo de você, Eduarda. Nojo...

EDUARDA *(suplicante)*
Me perdoa, Antônio. Pelo amor de Deus, me perdoa!

ANTÔNIO *(descontrolado)*
Ah, então confessa que me traiu? Quem é o filho da mãe? Fala, sua puta. Quem é o desgraçado? Me diz! Me diz agora quem é, que eu vou matar esse vagabundo...

EDUARDA *(impávida)*

Não!

ANTÔNIO *(num descontrole extremo)*
Fala! Sua cadela imunda! Anda! Fala! Pára de gemer e fala! Eduarda! Fala comigo, Eduarda! Eduarda! Eduarda, fala comigo! Eduarda! Eduarda! Eduarda! *(Ela desmaia)*

Electra entra...

ELECTRA *(num ímpeto de euforia)*
Pai! Mamãe está morta?

ANTÔNIO *(acalmando-se)*
Não, apenas desmaiada.

ELECTRA *(desapontada)*
Tem certeza de que não está morta?

ANTÔNIO
Tenho...

CENA 8
ANJOS MOLHADOS

ESPECTRO *(festejante)*
Está armado o circo...

ESPECTRO *(arregalando os olhos)*
Milhares de perguntas sem respostas...

ESPECTRO
Quem será o assassino da virgem prostituta?

ESPECTRO
Quem será o amante de Dona Eduarda?

ESPECTRO *(sarcástico)*
O que irão fazer as "mulheres beatas do cais" ?

ESPECTRO *(aponta)*
Olha lá!

ESPECTRO *(curioso)*
É Electra! Onde será que ela vai a essa hora?

ESPECTRO
Ainda não sei, mas saberei já já.

ESPECTRO *(apressadamente)*
Vamos segui-la?

ESPECTRO *(excitadíssimo)*
Imediatamente!

ESPECTRO *(cochichando)*
Hum, me parece que não tem um destino muito certo...

ESPECTRO (*sereno)*
Está passeando...

ESPECTRO
Refrescando a cabeça...

Neste momento Electra deita-se sob o luar. Escuta um barulho. Quando levanta vê que está sendo observada por uma jovem. Esta se aproxima...

GURIA *(aproximando-se)*
Vejo que estás cansada.

ELECTRA (*sem qualquer reação)*
Um pouco...

GURIA
Quer um pouco d'água?

ELECTRA (*vira-se para a guria)*
Por gentileza...

GURIA (*prontamente)*
Aqui está... Mora por aqui?

ELECTRA *(seca)*
No cais...

GURIA (*num tom de receio)*
Conheço pouca gente do cais. Quase nunca chego perto do mar. Tenho medo.

ELECTRA (*descompromissadamente)*
E quando sente calor? Onde se refresca?

GURIA *(rápida)*
Ali... (*Ela aponta uma bica que dá numa banheira)* Tiro os sapatos e entro. Com roupa e tudo.

ELECTRA (*risonha)*
Estranho...

GURIA *(misteriosa)*
Tudo em mim é estranho! Tudo... Certa noite, a muito tempo, resolvi tapar o nariz e abaixar. Sabe o que vi? Um ilha debaixo d'água...

ELECTRA (*num espanto)*
Nossa!

GURIA (*ainda mais eufórica)*
É... Uma ilha inteira e linda! Uma ilha cuja água é tão cristalina que podemos ver os peixes nadando no fundo. Há várias espécies de peixes. E há grandes dálias selvagens também. Suas praias são formadas de puro silêncio. Sobre a ilha encontram-se as maiores luas que existem. Nela, as estrelas se refugiam como barcos. Naufragam e depois vem à tona tomar fôlego pra mais um delírio. Como é doce o seu ventre! Como é quente o

seu seio! Seus contornos são delicados e transparentes. Ela respira como um anjo. E suas ondas suspiravam segredos profanos em meus ouvidos.*(trêmula)* Seu leite morno inunda as entranhas da mata. É uma ilha virgem. Sem pecado... Quer vê-la?

ELECTRA (*sôfrega)*
Agora?

GURIA
Vem... *(Elas se aproximam)* Veja como é fria...

ELECTRA
Bastante...

GURIA
Mas você se acostuma... *(Ela entra)* Vem! Vem!

ELECTRA
Não posso entrar com esta roupa. Como vou embora depois?

GURIA (*num tom um tanto romântico)*
Tire só o vestido...

ELECTRA (*para si)*
Ai, tá fria.

GURIA
Vem!

ELECTRA
Espera, deixa eu molhar a nuca.

GURIA (*sedutora)*
Deixe que eu a molho. Está bom assim?

ELECTRA
Está.

GURIA *(ainda mais sedutora)*
Veja a pele... Fica toda arrepiada...

ELECTRA *(trêmula)*
Chega a estremecer... Vamos abaixar?

GURIA
Vamos!

JUNTAS
Um, dois, três... (*Elas se abaixam. Depois voltam à tona. Estão maravilhadas)*

GURIA
E então? Viu?

ELECTRA (*empolgadíssima)*
É maravilhosa! Tens muita sorte em descobrir toda esta maravilha quase no quintal de sua casa...

GURIA
Eu sonhei com ela e depois a procurei...

ELECTRA *(num suspiro)*
Acreditas em sonhos?

GURIA *(com excessiva sensualidade)*
Sim... Acredito em sonhos... Há algum tempo, sonhei que uma mulher, tão bela quanto a minha ilha, viria me visitar numa noite de verão... E que eu a mostraria a minha ilha e ela se encantaria... Sonhei que ela me faria sentir muito feliz enquanto aqui estivesse. Que seu sorriso me seduziria a ponto de me fazer desejar os teus lábios... E que sua mão apertaria a minha... Que seu corpo quente me aquecesse... Que teu olhar me causariam arrepios de prazer... Que meu corpo todo iria estremecer... Que meus seios ficariam duros... E que eu me desfaleceria em seus braços...*(Electra a beija. Elas se excitam cada vez mais. Ao som de uma ária as duas gozam...)*

ELECTRA *(delicada)*
Como se chama?

GURIA
Guria...

ELECTRA
Este é seu nome?

GURIA
Não sei. É como me chamam.

ELECTRA
Onde mora?

GURIA *(prontamente)*
Bem perto daqui. Já ouviu falar na Tenda da Cigana Amarguras?

ELECTRA *(se vestindo)*
Sim... Mora na tenda da Cigana?

GURIA
A cigana é minha mãe.

ELECTRA *(ri)*
Me desculpe, mas tenho que ir...

GURIA *(apaixonada)*
Quando nos veremos de novo?

ELECTRA *(apressada)*
Depois de amanhã, está bem?

GURIA
Às onze...

ELECTRA *(beijando-a)*
Sim, eu virei. Adeus!

GURIA *(precipitando-se em direção à Electra)*
Adeus, moça... Hei, não me disse o seu nome... Hei?

CENA 9
CLITEMNESTRA

Ainda no bosque

EDUARDA *(ansiosa)*
Adam, querido, Antônio já sabe de tudo.

ADAM *(num pavor)*
Ele sabe que sou eu?

EDUARDA *(confortando-o)*
Não eu não disse. Consegui te poupar. Mas ele vai acabar descobrindo. Quer matá-lo! Não podemos nos demorar muito. Ele pode ter mandado alguém nos seguir.

ADAM *(nervoso)*
Precisamos fazer alguma coisa.

EDUARDA *(provocando-o)*
Claro. Não pode deixar que ele me tome de você, agora, não é?

ADAM *(irritado)*
E tem coragem de me perguntar uma coisa dessas!

EDUARDA *(com algo de sagaz no olhar)*
Você promete que não me deixará, não importando o que precise fazer?

ADAM *(ingênuo)*
Juro por Deus!
EDUARDA *(severa)*
Lembre-se sempre desse juramento.

ADAM
Devemos decidir o que fazer. O amor que tenho por ti me fará capaz de qualquer coisa. *(Ele a beija nas mãos, tal como fez com Electra)*

EDUARDA *(instigante)*
Tornaria-se um assassino por mim?

ADAM *(com certa tensão na voz)*
O quer dizer com isso?

EDUARDA *(tencionando as mãos)*
Nada ainda. Gostaria que ele tivesse morto ou que tivesse sido ele o assassino de Clarinha. Mas de nada tenho certeza. Temos que nos livrar desse homem, agora mais do que nunca.
ADAM *(decidido)*
Só há uma coisa a fazer: mataremos Antônio.

EDUARDA

Como?

ADAM *(valente)*
Não importa como. Irei agora até ele.

EDUARDA
E depois? Será enforcado como assassino. E em que situação eu ficarei. Não me restará mais nada a fazer a não ser matar-me. Sabe que o meu coração não pulsa sem você por perto. Eu te amo Adam.

ADAM *(atônito)*
Eu também a amo. Mas não há tempo para o amor, minha Eduarda. Temos que fugir. Isso, iremos embora em meu barco.

EDUARDA *(áspera)*
Não temos para onde ir.

ADAM *(como num sopro de alívio)*
Iremos para as Ilhas dos Mares do Sul. Tenho conhecidos por lá.

EDUARDA
Antônio nos acharia lá e em qualquer outro lugar e você sabe disso *(em outro tom, mais íntimo, mais sofrido)* Só não quero que me queime com seu hálito, nem que olhes com se estivesse nua. Quero que me leves para algum lugar onde nem o sonho dele possa me alcançar...

ADAM *(com certo medo nos olhos)*
Precisamos arrumar um maneira de matá-lo sem que desconfiem de nós.

EDUARDA *(num ímpeto)*
Há um meio... Antônio sofre do coração e todo mundo sabe disso.

ADAM *(numa embriaguez)*
Vamos esperar que o seu coração pare de bater?

EDUARDA *(desesperada)*
Não, claro que não. O médico, há dois meses atrás, me avisou que tomasse precauções, pois o problema estava se agravando. Antônio é um homem estranho, reservado. O seu silêncio me causa arrepios. Mesmo que ele não fale eu sei o está pensando e qualquer noite deitada ao lado dele eu ficaria louca ao ponto de quebrar esse silêncio. Se ele agora morresse subitamente, ninguém pensaria alguma coisa a não ser um colapso cardíaco. Estive lendo um livro médico na biblioteca de meu pai. Escrevi um nome de um remédio neste papel. Quero que o obtenha pra mim. Compre em alguma farmácia do cais.

ADAM
O que é isso?

EDUARDA *(firme)*
Veneno. Amanhã à noite, quando for visitar Electra, deixará debaixo da toalha da mesa. Eu o prepararei e darei a ele misturado com seu remédio.

ADAM *(deveras mente receoso)*
Veneno! É um artifício tão covarde!

EDUARDA *(astuta)*
Acha que seria mais corajoso desistir de mim e deixar que ele te mate?

ADAM *(numa embriaguez)*

Não! Eu a quero mais que tudo, Eduarda!

EDUARDA *(maquiavélica)*
Quando eu for para o quarto, você se despede de Electra. Em seguida pule o muro e se esconda no sótão. Terminado o serviço jogarei um taça pela janela. Este será o sinal de que deve subir para o quarto, pegará o corpo, colocará dentro da banheira, isso, dentro da banheira. Abra bem a torneira e não esqueça de tapar o ralo. Assim parecerá que o colapso aconteceu na hora do banho. Tranque a porta do banheiro por dentro e pule a janela. Eu o estarei esperando no seu barco. E assim que chegares seguiremos viagem. Mesmo que suspeitem de nós, nunca nos acharão novamente.

ADAM *(maravilhado)*
É perfeito! *(eles se abraçam. Não percebem a presença de Electra naquele lugar)*

CENA 10
CEGOS

ESPECTRO
Bem, já sabemos ao menos quem é o amante de Dona Eduarda...

ESPECTRO
O noivo da própria filha...

ESPECTRO *(tom soturno)*
E já sabemos também, que alguém mais vai morrer...

ESPECTRO *(falsa piedade)*
Pobre Antônio!

ESPECTRO
Não sabe o que lhe espera...

ESPECTRO *(vibrante)*
Vai ser morto pela própria esposa...

ESPECTRO *(também vibrante)*
E enterrado pelo próprio amante...

ESPECTRO *(mais que depressa)*
Cale-se, aí vem ela...
ESPECTRO *(curioso)*
Temos que acompanhar o próximo episódio...

ESPECTRO
Hei, onde é que você vai, vizinho?

ESPECTRO *(sussurrando num tom de fofoca)*
Vou contar ao resto da cidade o que acontece aqui, afinal eu não posso mesmo ver sangue. Geralmente desmaio...

ESPECTRO *(debochando)*
Isso! Vá então fazer alguma coisa de útil...

Eduarda entra no quarto... Antônio a espera sentado na cama...

EDUARDA (*ergue o rosto*)
Vim lhe falar.

ANTÔNIO (*com desconfiança*)
Vai me contar o nome do amante?

EDUARDA (*insegura*)
Não há amante. Há um mercador. Sei que não entende. Trata-se de um homem que pago para deitar-se comigo. (*ele faz um gesto agressivo. Ela o repele*)) Como as suas prostitutas... A quanto tempo não me procuras como mulher?

ANTÔNIO (*virando de costas*)
Perdi a conta.

EDUARDA (*ameaçadora*)
Eu também perdi. Por que recuas como tivesse medo de mim?

ANTÔNIO (*com certo ódio no olhar*)
Te lembras da nossa primeira noite?

EDUARDA
Não me lembro e nem quero...

ANTÔNIO (*num lamento*)
Teu corpo ao longo do meu. (*ela pega o copo com veneno e entrega*) Nenhuma palavra que nos unisse, o quarto parecia crescer nas trevas, minuto a minuto... Sabes, porque foste minha? Porque precisamos nos reproduzir. Eu queria filhos de ti... Só podia querer filhos. Prazer não, nenhum prazer...

EDUARDA (*melancólica*)
Nunca me tiveste amor!

ANTÔNIO (*num tom perverso*)
Não podia. Um homem como eu não pode amar nem a própria esposa. Desejá-la, não; ter filhos. Se Deus me abençoa, é por isso, porque sou sóbrio. Nossa mesa é sóbria e triste. A cama é triste para nós. Sempre foste minha nas trevas, como dois cegos que se possuissem.

EDUARDA (*novamente ameaçadora*)
Já chega. Encontrei uma toalha branca ensangüentada em sua gaveta.

ANTÔNIO (*impávido*)
Quer mesmo que seja eu o assassino de minha própria filha, não é? Quer que eu seja enforcado como assassino. (*contemplando o copo*) Queres que realmente eu beba este remédio?

EDUARDA (*desconcertada*)
Claro. É ele que te mantém vivo.

ANTÔNIO (*num tom de suspeitas*)
Quem me garante que não misturaste veneno ao remédio? E se eu morrer, dirás que foi o coração, não é? Ninguém duvidará de ti.

EDUARDA (*enlouquecida*)
O que estás dizendo Antônio? Enlouquecera?

ANTÔNIO *(feroz)*
Não. Electra ouviu sua conversa com Adam.. Ouviu suas declarações de amor para com seu noivo. Ouviu o plano que faziam para me assassinar.

EDUARDA *(desesperada)*
Não é verdade. Electra quer me destruir! Eu não teria coragem.

ANTÔNIO *(ainda mais feroz)*
Teria sim. Eu sei que teria. Mas eu não vou deixar que sua covardia fique impune.

EDUARDA *(corajosamente)*
Me matarás?

ANTÔNIO *(frio e seco)*
Não, de maneira nenhuma. A morte seria um alívio para você. Continuarás sendo minha esposa. Mas ficará presa neste quarto, enclausurada entre a morte e as lembranças. Será diluída pelo seu próprio remorso.

EDUARDA *(com arrogância)*
Eu não me arrependo de nada.

ANTÔNIO
Veremos. (*ouve-se um barulho de taça quebrando*)

EDUARDA
O que foi isso?

ANTÔNIO *(informativo e irônico)*
Electra jogou a taça pela janela. Não foi assim que combinaram? Não era este o sinal?

EDUARDA *(firme)*
Adam virá até aqui.

ANTÔNIO *(fora de si)*
Seu amante não irá a parte alguma. Ficará preso. No sótão. Até que a morte o liberte (*Ele joga o líquido com veneno no rosto de Eduarda que se mantém imóvel.)*

CENA 11
NO SÓTÃO

Adam tenta abrir a porta e percebe que esta já está trancada. Depois de exasperado percebe que entra alguém.

ADAM *(um tanto tonto)*
Quem está aí? Electra!?

ELECTRA *(trêmula)*
Ainda bem que me reconheces, me noivo. (*ela está segurando um revolver*)

ADAM *(recuando)*
Electra! O que fazes com este instrumento na mão? Pretendes tirar a vida de alguém?
ELECTRA *(impiedosa)*
Eu ouvi tudo. Sua conversa com a minha mãe. Ontem à noite. Não podes negar... Tu me traiste com a minha própria mãe! Deitava-se as escondidas com mulheres do cais, inclusive com minha irmã Clarinha. Sempre

embriagado.

ADAM *(desesperadamente)*
É mentira!

ELECTRA *(contundente)*
Eu sei de tudo!

ADAM
Mentira!

ELECTRA *(impacientemente)*
Tire a roupa...

ADAM *(piedosamente)*
Electra!!!

ELECTRA *(explicativa, porém depressa)*
Sei também a respeito de seu corpo. Dos nomes de prostitutas que tens marcado no corpo...

ADAM *(num grito)*
É mentira!

ELECTRA *(autoritária)*
Tire a roupa! Tira!

ADAM *(com medo)*
Tira esta arma de minha direção...

ELECTRA *(num grito)*
Tira a roupa! *(Ele tira a roupa lentamente. Fica nu)* Oh! Não acredito!

ADAM *(numa espécie de fascínio)*
Não tenho nomes de prostitutas gravado em meu corpo, não... Tenho o nome apenas de uma mulher. A mulher que eu mais amo neste mundo.

ELECTRA *(inconformada)*
Minha mãe! Não posso acreditar, tens o nome de minha mãe gravado em todo corpo. No peito, nas costas, nas pernas... A ama com toda esta intensidade?

ADAM *(firme)*
Amo...

ELECTRA *(possuída, num crescendo)*
Só não te mato agora, Adam, porque não quero sujar minhas mãos com esse seu sangue nojento. Mas terei gosto em lhe trazer pão e água todos os dias. Terei gosto em vê-lo emagrecendo até ficar pele e osso. Vibrarei quando tiveres os olhos ardendo em febre; cegos por tanto tempo sem ver a luz. Viverá nas trevas e terei muito gosto em acompanhar esta sua morte lenta de bem perto. E não tentes fazer nada, seu canalha, se não eu posso esquecer por alguns segundos meu asco e atirar em você... Quero vê-lo apodrecendo pouco a pouco. Cheirando mal... Com a pele transparente... Quero ver os vermes comendo sua maldita língua enquanto ainda estiver vivo.

ADAM *(derrotado)*
Amaldiçoado pelo amor! Deus! Deus! Onde estais que me esqueceste aqui? Que amor é esse que me faz pecador? Por que tenho que morrer por este amor? A luz da lua que entra pelas frestas trás um tom azulado a

este meu novo lar me fazendo sentir como se estivesse perdido num aquário de águas turvas e escaldantes. Tudo ao meu redor se transformou num verdadeiro aquário, de repente. E me falta ar! E pior, me falta água! Me falta sede e fome! Pode estar certa, Electra, o que me faz ainda viver, é o amor de tua mãe. Este amor que me alimenta mesmo estando longe. Só não me deixo ser atingido por seu ódio e morrer por que sua mãe estará desgraçada com a minha morte. Pode estar certa, Electra, o meu amor e de sua mãe será maior que teu ódio. Eu sairei daqui e serei feliz ao lado de Eduarda. Rezarei todas as noites para que suas mãos venham me salvar. Esteja certa de que a única coisa que me faz resistir a este aquário é o amor de Eduarda.

ELECTRA *(num lamento)*
É por isso que não olhava em meus olhos! É por isso que não me beijavas na boca!

ADAM
Solte esta arma, Electra. Você sabe que o que está fazendo não a fará mais feliz.

ELECTRA (*como num delírio)*
Pois se engana! Serei feliz o dia em que me ver livre de você e de todas as outras mulheres da família.

ADAM *(suave)*
Como pode, mãos tão delicadas revelarem tanto rancor. Olha com treme!

ELECTRA (*atônita)*
Minhas mãos? Eu tenho ódio de minhas mãos...
ADAM
São muito parecidas com as de sua mãe.

ELECTRA *(horrorizada)*
Então era por isso que me beijava tanto as mãos. Era a única coisa em mim que valorizavas. Estou desfalecendo. Já não consigo transformar em palavras o horror que tenho de sua pessoa.

ADAM (*doce)*
Electra, você também nunca me amou...

ELECTRA *(de costas, sem vê-lo)*
Não podia! Só amei a um homem em toda minha vida e o amarei para sempre, só a ele.

ADAM *(para si)*
Seu pai?

Electra segura as correntes e as prende em seus pulsos..

ADAM
Electra, não! Isso, não, Electra...

ELECTRA
Se não, como vou ter certeza de que não vai fugir pelo telhado? Voltarei amanhã com um pedaço de pão e um copo d´água... Boa Noite!

Electra sai fechando a porta.

ADAM *(liquidado)*
Não! Sua sorte não será melhor que a minha, Electra. Não!

CENA 12
NA TENDA

Electra vai a tenda da cigana Amarguras.

AMARGURAS *(festiva)*
! O que atormenta esta jovem senhora?

ELECTRA (*hipnotizada)*
Ando muito aflita, *madame.*

AMARGURAS (*cortando-a)*
Silêncio. Os búzios irão dizer. Tenha sempre consigo a consciência de que eu não sei de nada e não digo nada. São os deuses que me dizem! (*silêncio)* Vejo na sua vida uma mulher.

ELECTRA (*atônita)*
Uma mulher?

AMARGURAS *(sagaz)*
Muito semelhante a você.

ELECTRA (*com medo)*
Meu Deus!

AMARGURAS *(calmamente, envolvente)*
Vejo que olhas rancorosamente para suas mãos. Como adivinhaste? Tuas mãos são muito semelhantes as dela. Cuidado com esta mulher. Saiba agir certo. *Trinecha*... Mas não suje suas mãos... Não queres ser a única mulher da família? Pois bem, esta mulher tentará matar o seu pai novamente. Ela é como tu, não te rendes diante aos obstáculos. Se não fizer alguma coisa, ela ganhará o jogo. É muito esperta! Uma das duas deve morrer, não sei qual, mas uma das duas vai morrer. Não há lugar neste mundo para vocês duas. Uma de vós tem que morrer. Ou mãe, ou filha!
Leve isto contigo... Grave o nome da pessoa aqui atrás e então bastará algumas alfinetadas para que o serviço esteja terminado. Se precisar revele tudo o que sabe. Isso será suficiente.

ELECTRA (*ansiosa)*
O que mais?

AMARGURAS *(fria)*
Duzentos cruzeiros...

ELECTRA
Como?

AMARGURAS
Pague direto ao meu amo. Passar bem.

Electra paga e em seguida sai. Madame Amarguras ri tendenciosamente, em seguida beija na boca o seu Amo.

CENA 13
O ELIXIR DA MORTE

EDUARDA *(virando-se)*
É melhor não puxares conversa. Temo que alguma coisa possa acontecer.

ELECTRA *(sórdida)*
Pois puxarei. Imagino que deves estar desconsolada nesta situação.

EDUARDA *(arquejante)*
O que queres de mim?

ELECTRA *(sintética)*
A morte! Quero a morte de todos que cercam meu pai.

EDUARDA *(num grito)*
Enlouqueceras! Desde a morte de Clarinha que tenho percebido. Tens um desequilíbrio mental.

ELECTRA *(sardônica)*
Só porque lhe quero a morte? Deveria me agradecer. A morte lhe salvaria de toda essa desgraça.

EDUARDA *(clamando)*
O que eu fiz meu Deus, para merecer uma filha doida como você?

ELECTRA *(em sobressalto)*
Preferia Clarinha, não é?

EDUARDA *(num riso sofrido)*
Clarinha sempre foi minha filha de verdade. Sempre esteve do meu lado. Era uma moça pura e ingênua. Nem parece tua irmã.

ELECTRA
Se eu fosse você poupava esses insultos.

EDUARDA *(grave)*
Criatura miserável.

ELECTRA *(incisiva)*
Cala-te mãe. Eu estive agora com seu amante.

EDUARDA *(sóbria)*
Onde queres chegar?

ELECTRA *(lento)*
Quero que percebas que não tens saída. Não tens saída! Não tens saída!
EDUARDA *(avançando sobre Electra)*
Acredita que me tem em suas garras e que ficarei em seu poder pelo resto de minha vida? Tome cuidado, Electra. Você será a responsável se...

ELECTRA *(cortante)*
Se o que?

EDUARDA (*passiva)*
Nada. Quis apenas lembrar que posso ir me embora com Adam.

ELECTRA (*autoritária)*
Você sabe que não pode fazer isso. Agora, Dona Eduarda, não há nada que você possa fazer senão me obedecer.

EDUARDA
Quem você pensa que é?

ELECTRA (*soturna)*
Deve obedecer a mim e a meu pai. Não sabes do que sou capaz. Não sabes do que sou capaz para ter meu pai só para mim. Ainda mais agora que ele está do meu lado.

EDUARDA (*desfarçando o medo)*
Não terias coragem, Electra.

ELECTRA (*sarcástica e veemente)*
Não? Gostavas muito de sua filha Clarinha, não é? Sabias que Clarinha estava grávida?

EDUARDA (*feroz)*
Clarinha era virgem.

ELECTRA (novamente *sardônica)*
Virgem!? Vejo que realmente nada sabes sobre Clarinha.

EDUARDA (*petrificada)*
Não compreendo...

ELECTRA (*instigante)*
Sabe quem eram aquelas mulheres que cantavam em coro pela morte de Clarinha?

EDUARDA (*rapidamente)*
Beatas.

ELECTRA (*diabólica)*
Prostitutas!

EDUARDA (*num desespero)*
Beatas, devotas, devotas de Deus!

ELECTRA (*desequilibradamente)*
Devotas do sexo, das orgias, das libações! Eram prostitutas, mulheres do cais que rezavam pela morte de uma de suas companheiras...

EDUARDA (*como se escarrasse)*
Você é um monstro, Electra. Um monstro.

ELECTRA (*decisiva)*
E Clarinha, uma puta. Do cais... Vês agora que sei mais do imagina? *(num outro tom)* Hoje fiz uma visita à cigana.

EDUARDA (*atormentada)*

Já entendi tudo. Aquela mulher jurou que iria desgraçar a minha vida e está conseguindo.

ELECTRA (*sem entender)*
Do que falas?

EDUARDA
És uma mentirosa, Electra. Não acredite no que ela fala. Seu pai nunca teve nada com outra mulher, só com prostitutas, eu lhe garanto. Electra, ela lhe falou sobre o passado de seu pai?

ELECTRA (*mentindo)*
Sim, me falou. Mas não entrou em detalhes.

EDUARDA (*chorando)*
Há 19 anos que esta mulher tenta arruinar minha vida.

ELECTRA *(provocadora)*
E tem conseguido, não é?

EDUARDA (*piedosa)*
Sim, tem. Mas não é verdade o que falas. Seu pai nunca teve uma amante e nem filhos fora de casa. Acreditas em mim!

ELECTRA (*inspirada)*
Que motivos tenho eu para acreditar em você? Sempre mentira. Sua vida sempre foi uma mentira!

EDUARDA (*baixo e grave)*
Há alguma coisa por detrás de suas palavras. Eu não sou tão tola. Vou me embora com Adam, um dia. Pode estar certa.

ELECTRA (*num deboche)*
Estúpida!

EDUARDA (*num delírio)*
Ficarei livre de você e de seu pai.

ELECTRA (*num súbito poderio)*
Só a morte a livrará de mim.

EDUARDA (*subserviente)*
Queres que eu morra?

ELECTRA (*inflexível)*
Eu a mataria se preciso fosse.

EDUARDA (*desacreditada)*
Não terias coragem...

ELECTRA (*demoníaca)*
Queres saber de uma coisa? Eu matei Clarinha. Eu a empurrei para o mar.

EDUARDA *(num horror)*
Não acredito. Como pôde?

ELECTRA (*possuída)*

Estava embriagada. A sua virgem estava embriagada e grávida.

EDUARDA *(num pânico)*
Demônio!!!

ELECTRA *(sem dar-se por satisfeita)*
E sabe quem lhe fez o filho?

EDUARDA *(num grito)*
Já chega!

ELECTRA *(frívola)*
Meu pai. Antônio!

EDUARDA *(num ápice de desespero)*
Desgraça! Estou desgraçada! Nossa família está desgraçada. De onde tirou coragem para praticar tamanha atrocidade?

ELECTRA *(maquiavelicamente)*
Do mesmo lugar que tirei coragem para matar o seu amante. Vês agora que só a morte pode lhe salvar? Quem sabes te encontrará com Adam no paraíso ou no purgatório. Lembra-te das ilhas dos Mares do Sul? E para lá que vão as impuras como você... E as prostitutas como Clarinha e os embriagados como seu amante. Sairei agora. Meu pai e eu enterraremos o corpo. O corpo de meu noivo. Estas vendo aquele copo em cima do altar? É o elixir que precisas... O elixir da morte!

EDUARDA *(liquidada)*
Seu pai me traiu por 19 anos... Com aquela cigana filha da puta! E teve uma filha com ela. Sua irmã.

ELECTRA
Não!

Electra sai do quarto, deixando Eduarda sozinha. Esta pega o copo com veneno e bebe até o último gole. Eduarda falece aos pés de um altar.

CENA 14
OS VIZINHOS

ESPECTRO
Aperta-se o cerco!

ESPECTRO
O circo está pegando fogo!

ESPECTRO
As coisa vão piorar!

ESPECTRO
Pior do que já está?

ESPECTRO
Você não sabe do que Electra é capaz para deitar-se com seu pai...

ESPECTRO

Ela vai deitar-se com o pai?

ESPECTRO
Ainda não sabemos...

ESPECTRO
Incesto à vista!

ESPECTRO
Eu já disse que ainda não sabemos...

ESPECTRO
O que ela vai fazer agora?

ESPECTRO
Algo ainda muito pior segundo meus pressentimentos...

ESPECTRO
Pior do que o matricídio?

ESPECTRO
Sim!

ESPECTRO
Não!

ESPECTRO
Sim...

ESPECTRO
Não...

ESPECTRO
Sim! Sim!

ESPECTRO
Não! Não!

ESPECTRO
Ora, chega, vocês dois! Estou ansioso para saber!

ESPECTROS
Nós também!

CENA 15
MATRICÍDIO

Electra entra no sótão. Adam está rastejando pelo chão. Electra se aproxima...

ELECTRA (*tranqüila)*
Adam, quero de ti uma coisa...

ADAM (*como se não quisesse ouvir)*
Mãos tão delicadas...

ELECTRA (*sedutora)*
Fomos noivos durante dois anos e tu nunca me beijaste... A não ser no dia da morte de Clarinha... Quando veio trazer o corpo, lembra? Pois bem, foi a primeira vez que me beijaste na boca, mas estragara tudo quando me chamaste pelo nome de minha mãe... Já que nunca casaremos...

ADAM (*lento e aparentemente desligado)*
Mãos tão delicadas...

ELECTRA (*violenta)*
Cala-te, Adam! Eu quero um beijo de ti... Agora!

Ele a beija demoradamente. Após saciado o seu desejo, ela se levanta e ajeita-se.

ELECTRA (*fria)*
Obrigado, Adam... (*Ela faz um gesto para a porta)* Ah, eu estava me esquecendo de lhe falar. Minha mãe está morta! Eu a matei agora a pouco.

ADAM (*arquejante)*
Demônio!

ELECTRA (*arrebatadora)*
Entreguei-a um copo com veneno. Mas... antes de cair sobre o altar, ela me confessou uma coisa... Que o estava usando, Adam, para se livrar de meu pai. Minha mãe nunca o amou. Nem a meu pai. Nem a ninguém! Nem a ela mesma!

CENA 16
O GOZO

Imediatamente aparece a guria saindo de dentro da banheira, com a roupa branca molhada grudada no corpo, esta revela-se bastante sedutora. Electra se aproxima e a beija loucamente. Insinua sua mão pelo ventre da outra e começa a lhe provocar desejo. Numa ânsia de delírios e gemidos, Electra a interpela.

ELECTRA *(insaciável)*
És única filha da cigana?

GURIA (*responde sem pensar)*
Sou.

ELECTRA (*aproveitadora)*
Sabes que tua mãe é amante de um homem cujo o nome é Antônio?

GURIA (*envolvida pela sedução de Electra)*
Sim... É meu pai.

ELECTRA (*excitando-a)*
Por que nunca vai ao cais?

GURIA (*excitadissima)*
Depois te respondo.

ELECTRA (*violenta)*
Agora...

GURIA (*nas nuvens)*
Me enlouqueces. És um anjo? Tem nome esta mulher que agora me possui? Heim? Como te chamas?

ELECTRA (*grave)*
Electra!!!

GURIA *(num verdadeiro horror)*
Não! Não!

Neste momento a guria recua, sem demora Electra atira-se em cima da moça que tenta desesperadamente fugir. Electra agarra-a pelos cabelos e enfia-lhe a cabeça na banheira.

ELECTRA (*com ódio)*
Grita! Pede socorro a tua ilha!

GURIA (*sem ar)*
Socorro!

ELECTRA (*descontrolada)*
Isso, continua. Quem sabe a tua lua venha te ajudar! Maldita ilha. É para lá que você vai ainda hoje. Grita, infeliz! Grita! É para lá que você vai. Para lá vão as prostituta e as pecadoras depois de mortas!

Enquanto fala, Electra continua os movimentos, afogando a cabeça da outra na banheira. Os intervalos são cada vez maiores. Os vizinhos se masturbam.

ELECTRA (*possuída)*
Tua ilha és mentirosa! Ela não existe. Menti quando lhe disse que a via. Eu só queria o teu leite. O teu gozo! Goza vagabunda! Goza! Goza! Goza!

Guria morre pendendo a cabeça dentro da banheira.

ESPECTRO
Oh! Gozamos todos juntos!

ESPECTRO
Lá vai ela!

ESPECTRO
Ela não pára!

ESPECTRO
Não vai sossegar em quanto não se deitar com o pai...

ESPECTRO
A morte entrou nesta casa no corpo de Electra!

ESPECTRO
Vai haver mais defunto...

ESPECTRO
Quem será o próximo?

ESPECTRO
A cigana?

ESPECTRO
Ou o noivo...

ESPECTRO
O noivo!

ESPECTRO
Bonito como uma virgem!

ESPECTRO
Triste como uma virgem!

ESPECTRO
Nu como um Deus...

ESPECTRO
Nu como uma criança que vem ao mundo...

ESPECTRO
Como o filho de Clarinha...

ESPECTRO
Da virgem prostituta!

ESPECTRO
Bonito como uma virgem!

ESPECTRO
E nu como um Deus...

ESPECTROS
Amém...

CENA 17
NUDEZ

Imediatamente a luz se transforma. Electra entra no sótão. Em seguida vê Adam num canto escuro. Ele está nu, em pé sobre um banco com uma corda no pescoço.

ELECTRA
Vejo que estas mesmo decidido a dar um fim a isso tudo, não é?

ADAM (*quase morto)*
É natural que tivesse esta atitude, quando entraste hoje pela porta e ao invés de pão e água me trouxeste a noticia da morte de tua mãe. Era você que devia estar aqui, Electra.

ELECTRA
Que culpa tenho eu se minha mãe não o amava... O que queres que eu faça?

ADAM (*decidido)*
Nada pior do que já fez. Puxe o banco.

ELECTRA (*lirica)*
Que culpa tenho eu se escolheste o inferno ao invés do céu? Se deixaste a desgraça desse amor estúpido lamber sua alma num desenfreado desvario. Não matei ninguém. Fiz apenas o papel de uma coruja que vigia tudo com seus olhos esbugalhados e que num agouro revela as verdades. Que faço eu agora se já se encontra chafurdado em sua cova cavada por sua própria loucura e por esse seu amor lunático? Estás sangrando, Adam... Teu suor é puro sangue...

ADAM
Santo Deus! (*Adam começa a se estremecer. A cada palavra de Electra, seus arrepios o fazem ainda mais descontrolado. Ele chora.*)

ELECTRA *(detalhista)*
Sabe o que fiz a minha mãe, Adam, antes de morrer? Cortei-lhe os pulso até lhe cair as mãos. Estas mãos! São iguaizinhas às de minha mãe, não acha? Contemple-as pela última vez meu noivo. Pobre, Adam. Já não parece mais o meu noivo. Vejo em você os restos da escória que habita este cais, se decompondo pouco a pouco por causa de um amor esfarelado, como algo apodrecendo pelos cantos. Estais despido, não só teu corpo, mas, tua alma. Enterrei sua mão bem longe do corpo. Ah! Eu havia me esquecido. Mas tirei lhe outras coisas que não havia falado. Como a língua por exemplo. Sabe Adam, nunca pensei que tivesse coragem de arrancar uma língua com um alicate... E depois da língua, os seios, os olhos e por fim, aquilo que me gerou: o útero.

Neste momento Adam escorrega do banco e morre enforcado. Electra pega o vudu que lhe foi dado pela cigana e começa a alfinetá-lo. Num outro plano, a cigana Amarguras sente as dores das alfinetadas. Só agora o público sabe a quem Electra está matando... Amarguras morre no mesmo tempo que Adam.

CENA 18
DESEJO E INCESTO

Electra aparece com um vestido branco...

ELECTRA
Pai...

ANTÔNIO (*patético*)
Electra! Onde estão todos?

ELECTRA
Estão todos mortos!

ANTÔNIO (*saudando-a*)
Já? Foste mais rápida que imaginei.

ELECTRA (*aliviada*)
Agora eu sou a única mulher nesta casa e tu o único homem! Matei Clarinha com seu filho na barriga, matei minha mãe, meu noivo, a cigana e sua filha bastarda com ela.

ANTÔNIO
E sua avó?

ELECTRA (*com um tom falso de piedade*)
Sempre fui eu que lhe dava de comer, mas há vários dias que não o faço. A esta altura já deve ter morrido...

ANTÔNIO
Não tens medo?

ELECTRA (*inspirada*)
Tenho! Tenho medo! Sei que nunca mais dormirei... Sei que vou passar todas as noites em claro; e que vou queimar meus olhos em febre... Sei que hei de morrer em claro; e mesmo depois da morte terei insônia.

ANTÔNIO (*atônito*)
Todos nós teremos insônia! Eu deveria denunciar... A mim e a ti... Somos criminosos...

ELECTRA
Tu não mataste ninguém, meu pai...

ANTÔNIO (*alucinado*)
Mas fui cúmplice de ti. Soube de tudo desde o início... Teremos insônia para sempre, Electra!

ELECTRA (*numa ânsia*)
Que importa a minha insônia? Consegui o que queria, o meu sonho! Sou agora, a única mulher desta casa... A sua única mulher! Olha em torno... Procura em toda casa e se quiser, nos espelhos... Tuas mulheres não estarão em nenhum lugar... Nem vivas, nem mortas... Não existirão nem os retratos, que eu mesmo destruirei; nem roupas, nem objetos, nada... Queimarei a memória delas! Hoje tu ainda sabes como eram... Te lembras um pouco de seus olhos e seus cabelos... Mas, saberás cada vez menos... Até que um dia nada restará delas na tua memória... Só existirei eu... A minha imagem diante de ti... (*Antônio toma as mãos de Electra entre as suas*)

ANTÔNIO (*doce*)

Parecem as mãos de tua mãe...

ELECTRA
Eu sei...

ANTÔNIO *(poético)*
E se eu ficasse assim, olhando só para as tuas mãos, pensaria estar ao lado de sua mãe... Juraria que tu eras ela... Mas olho o teu rosto e... vejo que és tu... Se não tivesses rosto eu te aClarinha... (*Ele beija as mãos da filha num delírio*) ... como se fosses minha mulher...

ELECTRA (*desfigurada)*
Pai! Esquece que eu tenho rosto... Olha as mãos, só as mãos... São tuas! *(Antônio perde o controle e depois quando percebe está mordendo as mãos de Electra e então as solta e corre)* Pai! Não fujas... Lutamos tanto pra chegar aqui... Quantos mortos tive que fazer para me deitar em seu leito? Lembra de quando eu era criança? Entrou no quarto e me mostrou o que era o amor...

ANTÔNIO (*em sobressalto)*
Eu estava bêbado!

ELECTRA (*num intenso desvario)*
Não importa! Quero que me desejes! Quero que me possuas! Só as minhas mãos são vivas! Meus seios são passivos, minha boca apenas se deixa beijar... O meu ventre apenas se abandona... Só as mãos correm pelo corpo. Só elas são quentes e macias como as de minha mãe... São rápidas e sensíveis... Pai! Meu corpo todo estremece! Não posso me controlar! Estou suando! Sinto os odores! Ah, as secreções! Me beije, meu pai! Me beije!

Ele a beija e a luz vai vagarosamente baixando até ficar tudo escuro!

EPÍLOGO
O PAI

Electra ascende a lanterna. Repete a cena do início.

ELECTRA
Pai... Pai... Meu pai... Onde está você, meu pai? Eu preciso de ti! Não há quase luz! Pra que lado fica o mar? Pai... Onde está você, meu pai? Pai... Pai...